



A³P - ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ALUNOS DA POLITÉCNICA

ESCOLA POLYTÉCNICA DO RIO DE JANEIRO – ESCOLA NACIONAL DE ENGENHARIA
ESCOLA DE ENGENHARIA DA UFRJ – ESCOLA POLITÉCNICA DA UFRJ

Boletim de divulgação da A³P – nº 181 – março de 2015
Largo de São Francisco de Paula – nº 01 – Centro – Rio de Janeiro – CEP 20051-070
Tel: (21) 2221-2936
Site: www.a3p.poli.ufrj.br - e-mail: a3p@poli.ufrj.br

A PRIORIDADE ZERO DA A³P

Prof. Heloi J.F. Moreira Presidente da A³P

Prezado associado

Em março desse ano a A³P iniciará mais uma etapa da sua longa existência. Decorreram-se 83 anos desde que um grupo de ex-alunos, liderados pelo então Diretor, Professor Ruy de Lima e Silva, constituíram a Associação dos Antigos Alunos da Politécnica. Foram muitas as dificuldades iniciais, mas apesar disso a instituição alcançou os dias de hoje.

Como vem ocorrendo regularmente há várias décadas, a cada três anos, são realizadas nesse mês as eleições para a Diretoria, Conselho Fiscal e Conselho Diretor.

Assim, esse é um momento propício para se refletir sobre a nossa associação. Com orgulho, podemos afirmar que a instituição tem lutado bravamente para cumprir as finalidades estatutárias a que se propôs atingir. Mas, por outro lado, ao longo do tempo observa-se que a associação vem se deparando com dificuldades crescentes.

Poderíamos apontar como um dos principais problemas a não sensibilização dos atuais alunos, e também daqueles formados nas últimas quatro décadas, pela causa da A³P.

O número de associados tem decrescido ano a ano. Em consequência, os recursos financeiros decaíram acentuadamente. Com isso, as ações da A³P tornam-se bastante limitadas.

Acreditamos que esses alunos não veem razão de ser para a existência da A³P. Assim, devem se perguntar: para que me associar? Certamente pensam assim devido à ausência da A³P durante toda a sua vida acadêmica. E não será pelo fato de alcançar a formatura que a sua maneira de ver a A³P mudará. Se a A³P não teve visibilidade para o aluno durante o seu tempo de escola, não haverá motivos para vê-la depois de formado.

Nem mesmo a premiação anual aos melhores alunos sensibiliza os próprios agraciados. Provavelmente entendem aquela cerimônia como mais uma iniciativa da própria Escola Politécnica.

Enfim, é fato que a associação tem estado praticamente ausente da vida acadêmica da Escola Politécnica. Acreditamos que se tal realidade perdurar por mais alguns anos, inviabilizará a própria A³P. Poderá até continuar existindo, mas uma associação fraca, sem prestígio, sem força política, etc. Nos dias de hoje, ainda não é assim que o quadro social da UFRJ reconhece a A³P. Conforme observamos no Boletim anterior, (nº 180), “... apesar de todas as nossas dificuldades, a A³P é, entre as poucas associações de ex-alunos existentes na UFRJ, aquela considerada a mais significativa e de maior visibilidade e atuação.” Naquela ocasião, falávamos comparativamente com as outras instituições.

Enfim, ainda temos chances de reverter a nossa atual realidade. Para isso, entendemos como prioridade “zero” para os próximos anos de vida da A³P, a realização de atividades junto ao corpo discente da Escola. Palestras, pequenos cursos, visitas técnicas, são atividades que atraem bastante o alunado.

Inseridos no mercado de trabalho, os ex-alunos podem perfeitamente complementar a formação daqueles que ainda estudam. Os antigos alunos podem oferecer aos atuais discentes, algo que a universidade hoje tem extrema dificuldade para apresentar: a realidade do mercado de trabalho, as nuances do exercício profissional, enfim tudo aquilo que o recém-formado encontrará no mercado, ao sair da “proteção” da academia.

Acreditamos que se desenvolvermos esse tipo de atuação, criaremos grandes chances para resgatar a força e o prestígio da nossa A³P.

Largo de São Francisco – 50 Anos Depois A ENE ERA ASSIM

Engenheiro Israel Blajberg

O tempo passou. Mais de meio-século. Um dia eles foram jovens alunos da ENE. Hoje retornam na tarde desta terça-feira 10 de março de 2015, velhos engenheiros que cumpriram sua missão, ontem e sempre com o mesmo entusiasmo, a mesma vibração, muitas recordações, alegrias, até algumas poucas tristezas, ao velho Largo da Cruz de São Francisco. Até José Bonifácio entrou no clima de festa, segurando uma varinha com fitas azuis, que alguém lhe colocou na mão.

Hoje, os bons filhos à casa tornam, ainda que por breves momentos. Novamente, aquelas paredes testemunham a presença de tantos engenheiros, Os antigos alunos se sucedem na longa fila para receber seu exemplar do livro A ENE ERA ASSIM. Velhos amigos se reencontram.

Quantas histórias assim testemunhou aquele antigo e querido prédio... Construído para ser uma Catedral, mas para onde o Príncipe Regente D. João mandou transferir a Academia Real Militar.

A Sala da Congregação revive seus dias de glória, quando ali pontificavam expoentes da Engenharia Nacional, diretores e catedráticos, de Paulo de Frontin a Costa Nunes, de Capanema a Othon, Macyntire, Saturnino, Joppert, Cantanhede, tantos que fizeram a história daquela casa, o solo sagrado da Escola Central, depois Polytechnica, a Alma Mater da Engenharia Nacional. Hoje, quem sabe... eles estavam por ali... Ainda que apenas um ou outro mais sensível pudesse sentir suas presenças.

Embora a ENE já esteja longe do Largo, em que pese a destruição do dístico Escola Nacional de Engenharia na fachada do prédio, do tempo que não perdoa, o lugar ainda ostenta uma aura de santidade, embora outros sejam os ocupantes das vetustas cadeiras das Sala da Congregação, ela não perdeu a majestade. Diante do mesmo Largo onde José Bonifácio, o Patriarca da Independência, viu passar tantas gerações de estudantes, brilhantes mestres da Engenharia, expoentes da nacionalidade que aqui estudaram e lecionaram. Ainda está presente uma força, uma entidade maior... Um lugar sagrado... O poder de anos e anos de tecnologia...

É preciso fazer alguma coisa. Se todos quisermos, esta será novamente a Casa da Engenharia.



Prof. Heloi adquirindo seu exemplar do livro



Grupo de engenheiros da turma de 1961.



Prof. Heloi mostra a foto do prédio da Escola ao lado dos Eng's Almyr e Eduardo Jorge.



Membros da Diretoria da A³P que prestigiaram o evento.

HISTÓRIAS SOBRE REDES DE ÁGUA

Eng^o Pedro Carlos da Silva Telles

Na imensidão do nosso país, nem todas as obras de redes de água foram projetadas e construídas por engenheiros. Os "mestres de obras" e os "curiosos" de várias procedências, que dominavam, aliás, a construção predial antes da era do concreto armado, também se aventuraram pela engenharia hidráulica. Os resultados, é claro, foram com frequência frustrantes ou até desastrosos. Há histórias curiosas: Em 1919, em Caruaru, no sertão de Pernambuco, o Sr. Antônio de tal resolveu empreender por conta própria a construção da rede de água na cidade. Como lhe parecesse muito alto o preço dos tubos de ferro fundido, decidiu empregar tubos de barro cozido, fabricados na sua própria olaria que produzia tijolos e telhas. Os tubos, com 5 cm de diâmetro interno eram curtos e com paredes de 3 a 4 cm de espessura. Durante cinco anos trabalhou ele nessa obra, construindo uma espécie de adutora com 12 km de comprimento e mais de 200 m de diferença de nível entre os extremos. Assim conseguiu abastecer a cidade durante três anos, mas, enquanto funcionou a "adutora", o seu maior trabalho era procurar e tapar os buracos que os sertanejos abriam a ponta de faca nos tubos, para obter água de graça! E evidente que tal "adutora" nunca entrou em carga, porque estouraria imediatamente com a pressão da água!

Um caso diferente foi o que ocorreu em uma cidade qualquer do nosso interior, com um engenheiro tentando satisfazer os caprichos de um político local, que queria por força uma fonte luminosa no alto de um morro, em local bem visível, para que todos os possíveis eleitores pudessem admirar. O engenheiro argumentou que o local não era bom, que a instalação seria muito cara e o seu custeio também, pela necessidade de bombear a água. O político não entendia e continuava insistindo, ao que o engenheiro disse que não era má vontade dele, mas era a lei da gravidade que estava atrapalhando. "Lei de que?", perguntou o político. "Lei da gravidade", respondeu o outro. - "Essa lei é estadual ou federal? Se é estadual eu revogo ela fácil, porque conheço todo mundo na Assembleia, se é federal é um pouco mais difícil mas também se consegue"! Essa história infelizmente é verdadeira, passou-se com um nosso colega há uns vinte ou trinta anos atrás, mas poderia ter sido hoje!

Em outra pequena cidade por aí pelo Brasil, o Prefeito conseguiu, não se sabe como, um belo projeto de ajardinamento de uma grande praça, com fontes, sistema de irrigação permanente etc., feito por um afamado paisagista. A dificuldade é que o consumo de água para manter aquele jardim, com suas fontes, cascatas tudo, era superior a todo suprimento da cidade!

Nessas cidadezinhas do interior o serviço de águas é em geral independente e muito simples: uma

pequena tomada d'água em um córrego próximo, uma pequena adutora, uma caixa d'água em cima de um morro, e a rede de distribuição frequentemente sem nenhum tratamento: tudo pequeno. A administração é também pequena e simples. Em uma dessas cidades, onde o serviço de águas tinha apenas um único funcionário que fazia tudo, chegou um belo dia o engenheiro do Estado para fiscalizar, e perguntou ao homem quantas pessoas eram atendidas pela rede de água. - "Hoje são 732", respondeu ele prontamente. Admirado da precisão, perguntou o engenheiro: "Exatamente?" - "Sim, exatamente". - "Como você sabe esse número?" - "Muito simples", respondeu o outro, "aqui todo mundo chega sai de trem, o automóvel é muito raro" (isso foi no tempo em que havia trens' passageiros neste país), por isso, é só ir diariamente à estação e contar quem chega e quem sai; os nascimentos e as mortes também todo mundo fica sabendo. Assim, o zeloso funcionário, mantinha uma espécie de contabilidade particular da população local!*

Essas histórias, e muitas outras, me foram contadas pelo nosso saudoso colega Eng. Thomé Ignácio de Andrade Botelho, que muito andou por esse interior fazendo engenharia, e que possuía uma rara e invejável memória e capacidade de recolher e contar histórias.

A honestidade manda lembrar que os engenheiros também têm a sua parcela de culpa nesses absurdos, basta citar um caso:

Quando eu trabalhava no Serviço de Engenharia da PETROBRÁS, lembro-me de um projeto que certa vez me chegou às mãos onde praticamente só havia erros. E isso mesmo! Era um projeto simples, de um pequeno sistema de abastecimento de água, mas a firma projetista conseguiu fazer o máximo de erros em um mínimo de papel, inclusive erros primários e grosseiros. Se tivéssemos pedido a alguém para propositadamente fazer todos os erros possíveis, não teria saído melhor! Mandeí chamar para explicações o responsável pela firma projetista, uma firma antiga, muito bem recomendada, mas desconhecida para nós. Veio um engenheiro idoso, bem mais velho do que eu, que foi logo de saída dizendo que não admitia críticas ao seu serviço, porque a sua firma tinha uma longa prática, já tendo feito mais de 500 projetos semelhantes para Prefeituras em todo país! Respondi ao colega perguntando-lhe se ele sabia que boa parte dos nossos Prefeitos têm apenas o curso primário e muitos nem isso, e que, portanto enganar a eles é muito fácil!

NOTA: O Eng.^o Pedro Carlos da Silva Telles foi professor do Instituto Militar de Engenharia e da Escola Politécnica. É membro da Academia Nacional de Engenharia, sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e autor do livro "História da Engenharia no Brasil", em dois volumes, de onde foi tirada a história acima.

MAIS UM EPISÓDIO

Proseguimos publicando os saborosos Episódios extraídos do livro “Episódios da engenharia (e da política) no Brasil”, de autoria do engenheiro e professor Flávio Miguez de Mello. Esse episódio retrata bem a situação dos engenheiros quando trabalhavam no interior do Brasil nos VELHOS tempos.

O DOUTOR

Nos primórdios do século XX, o engenheiro Francisco Saturnino Rodrigues de Brito (1864-1929) estava em um pequeno vilarejo, no interior do Brasil. Era noite e a maioria dos moradores já havia se recolhido. Foi quando um caboclo foi em sua direção e praticamente o sequestrou, levando-o em um cavalo até o sítio onde morava.

Disse ao ilustre engenheiro: “Sei que o senhor é um doutor. Minha mulher está doente. O senhor vai levar a cura para ela. Mas, se ela morrer, o senhor morre também.” Ele não conseguiu explicar ao homem que era doutor, mas não médico, e nem mesmo tinha a quem recorrer para pedir ajuda. Saturnino de Brito chegou ao sítio e, após um rápido exame, verificou que a mulher já havia falecido. Temendo pela própria vida, optou por não externar o diagnóstico ao recém-viúvo e disse que seria preciso transportar a mulher para o vilarejo. Improvisaram uma maca e conduziram o corpo com muito cuidado – e, para alívio dele, suficientemente devagar para que, quando chegassem lá, os habitantes já estivessem acordados. Ao chegar, Saturnino aproveitou o momento em que estavam passando em frente à delegacia e se precipitou sobre o delegado, pedindo urgente proteção, no que foi atendido.

Falecimentos

Duas perdas importantes sofreu a A³P ultimamente. Em janeiro faleceu a nossa Engenheira Eminente Clara Steinberg. Quando em 2008 a A³P quis homenagear um engenheiro com atuação de destaque na profissão, escolheu um casal Jacob e Clara Steinberg como os homenageados. Há alguns anos perdemos o Jacob Steinberg e agora foi a vez de Clara Steinberg nos deixar. Perdeu a A³P e perdeu a Engenharia Brasileira estes expoentes que deixaram uma obra muito valiosa. Outra perda foi o falecimento do engenheiro Gerhard

Vasco Weiss, da turma de 1955, ocorrido no dia 23 de Fevereiro deste ano. O Gerhard dedicou mais de 30 anos da sua vida à A³P, exercendo o cargo de Diretor 2º Tesoureiro entre 1967 e 1979, e depois com Diretor 1º Tesoureiro entre 1979 e 2009 quando por motivo de saúde foi obrigado a se desligar da Diretoria. Por esses prestimosos serviços que prestou à A³P, o Gerhard foi condignamente homenageado em 2009 recebendo uma placa comemorativa.

Às famílias dos falecidos foram enviados, na ocasião, os votos de pesar da A³P que aqui reiteramos.

DIRETORIA DA A³P

Presidente: Heloi Jose Fernandes Moreira
1º Vice - Presidente: Léo Fabiano Baur Reis
2º Vice - Presidente: Ericksson Rocha e Almendra
Diretor Administrativo: Eduardo Linhares Qualharini
Vice - Diretor Administrativo: José Pines
Diretor 1º Tesoureiro: Margarida Lima
Diretor Técnico Cultural: Israel Blajberg
Vice - Diretor Técnico Cultural: José Felício Haddad
Diretor Social: Cleofas Paes de Santiago
Vice-Diretor Social: Ary Jayme Ferreira

CONSELHO DIRETOR MESA DIRETORA (2014-2015)

Presidente: Eng. Aimone Camardella
Vice-Presidente: Eng. Abílio Borges
Secretário: Eng. Paulo José Poggi da Silva Pereira

MEMBROS NATOS

Diretor da Escola Politécnica da UFRJ ; Presidente da FEBRAE; Presidente do Clube de Engenharia;
Presidente do CAEng da Escola Politécnica

MEMBROS VITALÍCIOS

Presidente de Honra: Eng. Leizer Lerner
Ex-Presidentes: Eng. Fernando Emmanuel Barata e Eng. Flavio Miguez de Mello
Sócio Benemérito: Eng. Luciano Brandão Alves de Souza

MEMBROS ELEITOS

Mandato até março de 2015: Eng. Paulo Roberto Paiva de Melo; Eng. José Couri Neto; Eng. Olavo Cabral Ramos Filho; Eng. William Paulo Maciel; Eng. Pedro Francisco Albuquerque Filho.

Mandato até março de 2016: Eng. Paulo César Pinto; Eng. José Caetano dos Prazeres; Eng. Joaquim José de Mello Bastos; Eng. João Batista Gurgel Cabral; Eng. Dirceu Machado Olive

Mandato até março de 2017: Eng. Aimone Camardella; Eng. Paulo José Poggi da S. Pereira; Eng. Wilhelm Brada; Eng. Abílio Borges; Eng. Jacob Wainer.

CONSELHO FISCAL (2012-2015) Eng. Bernardo Griner; Eng. Laura Corrêa de Sá Freire; Eng. José Ferreira Lima

VISITE O NOSSO SITE: www.a3p.poli.ufrj.br

A³P - BOLETIM OFICIAL DA ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ALUNOS DA POLITECNICA

Editado pela Diretoria - Distribuição Interna

Editoração: Paula Sant' Anna

Boletim 181 - março de 2015 - pág 4